REVISTA ESPAÇO

n. 64

período jan-jun

ano 2026

USO DE RECURSOS VISUAIS NO ENSINO DA DANÇA PARA ESTUDANTES SURDOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Use of visual resources in teaching dance to deaf students in Physical Education classes

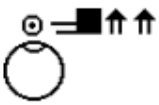


Joandra Kellen de Souza Coelho[1]





Nilton Munhoz Gomes[2]



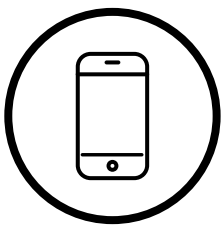
[1] Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, PR, Brasil. joandra.kellen9889@gmail.com

[2] Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, PR, Brasil. niltonmunhozgomes@gmail.com

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.94-107
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

RESUMO
Este estudo teve como objetivo testar a aplicabilidade do uso de recursos visuais no ensino do conteúdo de dança em aulas de Educação Física em uma escola especializada para estudantes surdos. O estudo se caracteriza como experimental. Participaram deste estudo 6 estudantes, sendo quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades entre 12 e 15 anos. Os estudantes estavam matriculados no 7º ano de uma escola especializada para estudantes surdos do estado do Paraná. O critério de seleção dos participantes pautou-se na condição dos estudantes serem surdos e frequentarem normalmente as aulas de Educação Física. O programa de intervenção contou com oito aulas, com duração de 50 minutos cada. Utilizou cartões visuais coloridos associados a movimentos corporais. As aulas incluíram atividades práticas, dinâmicas em grupo, uso de tecnologias visuais e estímulos táteis. Os resultados demonstraram que os recursos visuais foram eficazes na aprendizagem participativa dos estudantes surdos.
Palavras-chave: Dança; Educação Física; Surdez; Recursos visuais

ABSTRACT
This study aimed to test the applicability of using visual resources in teaching dance content in Physical Education classes at a specialized school for deaf students. The study is characterized as experimental. A total of six students participated, including four females and two males, aged between 12 and 15 years. The students were enrolled in the 7th grade at a specialized school for deaf students in the state of Paraná. The participant selection criteria were based on the condition of having deafness and regularly attending Physical Education classes. The intervention program consisted of eight classes lasting 50 minutes each. Colorful visual cards associated with body movements were used as a methodological resource. The classes included practical activities, group dynamics, use of visual technologies, and tactile stimuli. The results showed that the visual resources were effective in the learning process of deaf students in a participatory manner the importance of curriculum adaptation and the recognition of diversity in Physical Education.
Keywords: Dance; Physical Education; Deafness; Visual resource



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O QR CODE AO LADO OU O LINK
https://youtu.be/jqxfXFAvLME

Introdução

A Educação Física, ao longo dos anos, vem evoluindo como uma importante ferramenta no contexto educacional, no qual as atividades físicas emergem como potentes formas de expressão, comunicação e aprendizado para os estudantes.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017), a Educação Física tem por objetivo estimular a cultura corporal do movimento, incentivando os estudantes a participarem de variadas práticas representadas pelos conteúdos estruturantes como: esportes, brincadeiras e jogos, danças, lutas e ginásticas. Por meio dessas atividades, espera-se que os estudantes ampliem suas habilidades motoras, reconheçam a relevância da atividade física para a saúde e o bem-estar e desenvolvam valores essenciais, como cooperação, respeito, autonomia e cidadania.

Em relação à dança, a presença desse componente no currículo da Educação Física é um reconhecimento de que a disciplina deve abranger práticas corporais diversificadas, que vão além dos esportes convencionais e das atividades físicas padronizadas. Na BNCC, a dança é compreendida como uma importante forma de expressão e manifestação da cultura corporal, com a possibilidade de ser desenvolvida por meio de sua vivência, noções de ritmo,

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.94-107
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

percepção corporal, criação e improvisação, fortalecendo o desenvolvimento da expressão corporal e motora (Brasil, 2017).

O ensino da dança contribui para o desenvolvimento da psicomotricidade, da coordenação motora e da consciência corporal dos estudantes, promovendo uma Educação Física mais significativa e alinhada com a pluralidade cultural, permitindo que os estudantes compreendam o movimento não apenas como uma atividade física, mas como um ato que possui significados culturais e históricos.

Em meio a especificações e adaptações necessárias para o desenvolvimento do ensino da Educação Física para estudantes com alguma deficiência, o ensino de dança permite que estudantes surdos desenvolvam não apenas habilidades físicas, mas também expressivas, promovendo a socialização e o sentimento de pertencimento a partir da linguagem corporal (Oliveira, 2017). Embora tradicionalmente associada ao movimento e à música, a dança oferece caminhos para comunicação não verbal e aprofunda o entendimento do próprio corpo, aspectos especialmente relevantes no contexto da surdez, onde a comunicação visual e tátil assume um papel central no movimento a ser realizado (Carvalho; Miguel; Silveira, 2023).

A dança enquanto prática educacional para estudantes surdos tem sido objeto de estudos em diferentes contextos e diferentes tipos. Um estudo de Souza (2018) buscou analisar o sapateado como forma de expressão artística acessível a estudantes surdos. O estudo destaca que a adaptação de atividades que envolvem ritmo e movimentos sincronizados pode transformar a experiência do aprendizado, tornando-o uma via de comunicação e expressão. A autora afirma que a abordagem da dança com estudantes surdos necessita de uma adaptação metodológica que respeite a diversidade de experiências desses sujeitos, proporcionando-lhes um ambiente de aprendizado visual e sensorial que os estimulem na busca da confiança e da autonomia.

A estratégia metodológica é de grande importância, sendo a revisão integrativa um rico caminho para o desenvolvimento da dança para estudantes surdos. Nesse sentido, Oliveira (2022) buscou identificar quais metodologias eram aplicadas no ensino da dança para pessoas surdas. O estudo mostra que, no período de 2017 a 2021, houve avanços significativos no desenvolvimento de estratégias que favorecem o ensino da dança para essa população, não especificamente no contexto escolar, mas com valorativas estratégias que podem ser adaptadas a esse ambiente. Outro ponto abordado e de importância pelo estudo citado é o uso de sinais visuais e toques para marcar o ritmo e guiar os movimentos da pessoa surda. Ainda de acordo com a autora, o uso desses recursos durante as aulas de dança tem se mostrado eficaz na facilitação do aprendizado de pessoas surdas, pois eles permitem uma melhor compreensão dos movimentos e da coordenação (Oliveira, 2022).

Importante destacar que na pesquisa realizada foram encontradas três monografias e uma dissertação que tratam de metodologias para o ensino de dança para surdos. Destes trabalhos, apenas um abordou o uso da musicalização como estratégia. A maioria aponta que a utilização de recursos (sinais) visuais e táteis, durante o ensino da dança, em seus diferentes tipos, tem se mostrado mais eficiente no processo de aprendizagem, pois permitem uma melhor compreensão dos movimentos e da coordenação.

Considerando a necessidade de se criar e testar diferentes práticas pedagógicas voltadas para o ensino da dança para alunos surdos, o presente estudo tem como objetivo testar a aplicabilidade do uso de recursos visuais no ensino do conteúdo de dança em aulas de Educação Física, em uma escola especializada para surdos.

Este estudo pretende contribuir e auxiliar os professores de Educação Física na adaptação de suas aulas quanto às especificidades do ensino da dança para estudantes surdos, aproveitando o potencial transformador da dança na estimulação de habilidades expressivas, sociais e motoras.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.94-107
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Desenvolvimento

O estudo é qualitativo, com abordagem de campo experimental. Esse tipo de pesquisa é arquitetado pelo controle de variáveis e intencionalidades em manipular uma ou mais variáveis independentes, para que se possa investigar o efeito de tal método, possibilitando a descoberta de uma ou mais causas (Godoy, 1995).

Participaram deste estudo 6 estudantes, sendo quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades entre 12 e 15 anos. O estudo foi realizado no contexto de atividades pedagógicas regulares, sem identificação dos participantes ou utilização de dados sensíveis. A participação dos estudantes ocorreu conforme autorizações institucionais previamente estabelecidas pela escola junto aos responsáveis legais, sendo garantidos o anonimato e o caráter educativo da proposta.

Os estudantes estavam matriculados no 7º ano de uma escola especializada para estudantes surdos, de um município de grande porte do estado do Paraná, com uma educação bilíngue, contendo no corpo docente professores surdos e ouvintes, ambos utilizando a Libras para se comunicar. Uma escola em que o processo de ensino aprendizagem acontece por meio da Libras, desde a educação infantil até o ensino médio. O critério de seleção dos participantes pautou-se na condição dos estudantes serem surdos e frequentarem normalmente as aulas de Educação Física.

Para este estudo, foi necessário contar com o auxílio de professoras e intérpretes para intermediar as atividades, quando solicitado, pois a pesquisadora conseguia se comunicar em Libras, porém, não fluente. Além desse auxílio, houve também a ajuda dos próprios estudantes no que diz respeito a dúvidas de alguns sinais que a pesquisadora não havia conhecimento.

O programa de intervenção contou com o número de oito aulas, acontecendo uma vez por semana, com tempo de 50 minutos cada aula. O detalhamento do programa será apresentado nos resultados.

A coleta de dados ocorreu em dois momentos: no primeiro momento, na aula inicial do programa de intervenção, buscou-se fazer uma sondagem quanto ao conhecimento dos estudantes em relação à dança em seus cotidianos. No segundo momento, durante as aulas de intervenção, utilizando-se do "Diário de Campo", buscando compreender o processo de intervenção proposto, considerando as seguintes observações: 1. Adaptação ao contexto da turma; 2. Criação de um ambiente seguro e sem julgamentos; 3. Incentivo à participação ativa e individualizada; 4. Adoção de referências culturais contemporâneas e 5. Reforço positivo como motivação. As aulas foram registradas em vídeos para posterior análise do programa proposto.

Os dados foram organizados e analisados em três momentos: o primeiro, com uma pré-análise dos sujeitos do estudo por meio do questionário de sondagem; o segundo, com a exploração e alcance do material por meio dos cartões visuais coloridos (que será apresentado nos resultados) e o terceiro, através da avaliação do processo e interpretação dos resultados por meio das observações e progresso dos estudantes durante as aulas, registrada em imagens e vídeos e com a apresentação de uma coreografia proposta. Os dados foram analisados por meio das observações e progresso dos estudantes durante as aulas.

Resultados e discussão

Os resultados serão apresentados e discutidos em dois momentos. Inicialmente serão evidenciadas informações detalhadas quanto ao programa de intervenção utilizado no estudo, apresentando seus objetivos, atividades desenvolvidas e apontamentos do diário de campo. Na sequência, esses resultados serão discutidos por categorias, considerando as observações

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

registradas no diário de campo.

Cronograma e descrição das intervenções

Aula 01: sondagem e familiarização tecnológica

A primeira aula teve como objetivo introduzir os estudantes ao tema da pesquisa, apresentando diferentes estilos de dança por meio de slides e vídeos. A aula contou com duas atividades, a primeira sendo iniciada com a apresentação de vídeos curtos que exibiam diferentes vertentes das danças urbanas (Breaking, Popping, Locking e Hip Hop Dance). Na segunda atividade, os estudantes acessaram um link via QR Code que continha um questionário o qual eles deveriam responder por escrito. Vale destacar que as perguntas foram explicadas em Libras por uma outra professora, anteriormente ao momento de resolução e respostas por parte dos estudantes, que apresentaram um satisfatório uso e autonomia da língua portuguesa.

O questionário apresentou as seguintes questões: 1. Você se identificou com alguma dança? 2. De qual estilo? 3. Qual/quais estilos de dança você mais gostou? 4. Já praticou algum desses estilos apresentados? 5. Tem interesse em aprender dançar? 6. Qual/quais estilos? 7. Há alguma dança que você não praticaria? Por quê?

Por meio das anotações do diário de campo, observou-se uma recepção positiva e motivadora quanto ao uso do smartphone em sala. A maioria dos estudantes associou a dança a clipes musicais de redes sociais (TikTok e Instagram), demonstrando que a tecnologia é o principal meio de consumo cultural desse público no que diz respeito à dança.

Aula 02: a dança e os contextos reais

A segunda aula teve como objetivo destacar e classificar a aproximação dos estudantes com os ritmos musicais e de dança de seus contextos. Isso como forma de identificar nos estudantes os ritmos e músicas que eles mais gostam, com o intuito de desenvolver uma primeira vivência considerando seu cotidiano. A aula contou com duas atividades: na primeira, foi solicitado aos estudantes que escolhessem duas músicas dentro dos ritmos musicais destacados na aula anterior, para que pudéssemos desenvolver o programa de intervenção. O ritmo funk e tik-tok foram escolhidos, assim como a escolha das músicas sob supervisão da professora pesquisadora. A segunda atividade consistiu na realização de alguns passos de hip-hop e do tik-tok, de maneira autônoma, sem seguir nenhum movimento específico e ritmizado, apenas pelo conhecimento prévio que eles possuíam sobre tais ritmos musicais, fazendo com que os alunos se soltassem mais e se aproximassem dos movimentos, auxiliando assim o processo de introdução coreográfica que viria no decorrer das aulas.

As observações destacadas no diário de campo mostram que, apesar da timidez, quando a realidade dos alunos é trazida para dentro do contexto escolar, tais sujeitos ficam mais dispostos a participar das atividades — mesmo sem dominar totalmente o que está sendo proposto. Além disso, ao deixar claro que o mais importante é a vivência deles e não a execução perfeita dos movimentos da dança, os estudantes se sentem mais seguros e à vontade para participar da aula.

Aula 03: experimentação corporal e espelhamento

A terceira aula teve como objetivo identificar a interferência de ferramentas visuais na compreensão dos estudantes acerca da dança. A aula foi dividida em três atividades que se concentraram em tutoriais que apresentassem o ritmo visual antes mesmo do acompanha-

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.94-107
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

mento musical. A primeira atividade consistiu em uma dinâmica com sulfites coloridos. Cada sulfite tinha uma cor e cada cor representava uma ação motora diferente, conforme segue: azul escuro: andarem rápido; rosa claro: andarem devagar; verde: mudar de plano (plano médio/baixo, mudando a postura de em pé para agachados ou sentados); vermelho: realizarem movimentos fortes/intensos/pesados. Após realizada essa apresentação, os estudantes foram espalhados pelo pátio, organizados de frente para a professora, como forma inicial para a dinâmica. Observando a professora e os sulfites apresentados por ela, eles deveriam realizar uma ação de acordo com a cor apresentada.

Na terceira atividade, deu-se o início do ensaio coreográfico, ainda não se utilizando das músicas escolhidas pelos estudantes. Dispostos no espaço como na atividade anterior, inicialmente essa atividade foi feita sem música, apenas com a repetição dos movimentos realizados pela professora que estava à frente dos estudantes (metodologia de espelhamento). Na sequência, os estudantes deveriam realizar a coreografia sem a demonstração do professor, ou seja, sem apoio. Feito isso e após uma avaliação da professora pesquisadora, foram introduzidas as músicas na realização da coreografia, repetindo os caminhos, de primeiro com espelhamento e, em seguida, sem essa estratégia.

De acordo com as anotações, foi possível identificar dificuldades na combinação de movimentos rítmicos de braços e pernas e na recordação da sequência dos movimentos, sendo necessário retornar a estratégia do espelhamento. Também foi observado que todos conseguiram acompanhar os comandos que eram dados por meio das cores. Alguns recordavam rapidamente qual era ação que deveria ser feita, já outros se utilizaram da observação dos colegas próximos para reproduzir a ação. Importante salientar que nesse momento não havia música.

Aula 04: desafio das cores de potência

Nesta quarta aula, o objetivo proposto foi rever a coreografia de dança proposta pela professora pesquisadora, com intuito de reforçar seus movimentos e sequência.

Duas atividades foram realizadas: a primeira, organizados em círculo, discutiu-se questões referente a aula anterior, sendo que os estudantes deveriam relatar suas dificuldades e apontar os pontos positivos, ou seja, o que foi “fácil”. Destaca-se que por meio da observação e conversa com os estudantes — realizada em Libras — ficou evidente que a timidez é um ponto de empecilho para eles. Como ponto positivo, foi destacado a combinação dos movimentos por meio da compreensão da sequência de cores. Após a conversa, na busca de tentar resolver o problema da timidez (vergonha), foi desenvolvido um momento de livre movimentação ao som de músicas, sem ficarem presos aos movimentos, para que assim a vergonha e o receio da não realização correta dos movimentos fossem trabalhadas no sentido de superação. Na segunda atividade, deu-se início a coreografia que os estudantes deveriam apresentar no final do programa de intervenção, inicialmente sem música e depois com música, relembrando os passos e sequências de forma progressiva, desenvolvendo passo a passo e de forma lenta e pausada, sendo realizada conversas para sanar dúvidas que surgiam durante os passos.

De acordo com o diário de campo, após serem feitas as considerações e ajustes necessários, os estudantes com surdez leve e moderada assimilaram o vínculo dos passos com o ritmo da música, demonstrando fluência na dança, fazendo com que os estudantes com surdez severa e total também conseguissem realizar os passos observando os colegas.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.94-107
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Aula 05: apropriação e criação coletiva

A quinta aula teve como objetivo identificar efeitos positivos ou negativos de novas estratégias de ensino, para que fosse possível mensurar a apropriação dos conhecimentos das aulas anteriores por parte dos estudantes. A primeira atividade consistiu em dividir a turma em duplas, aos quais os estudantes deveriam ficar de frente para o outro e, juntos, deveriam recordar e realizar a sequência coreográfica.

Feito isso, para finalizar a aula, na segunda atividade, foram todos organizados virados para frente, para que fosse introduzida a movimentação de lugar enquanto realizavam um passo específico. Momento esse orientado pela professora pesquisadora, mas sem o espelhamento feito com ela como ponto de referência, mas sim passando dupla por dupla corrigindo seus movimentos, com utilização da música e sem o uso de ferramentas visuais coloridas.

Com as observações e anotações do diário de campo, foi possível destacar que a maior dificuldade apresentada por eles esteve na execução do movimento, sendo necessária a retomada da execução dos movimentos para correção. Por meio da primeira atividade, os estudantes conseguiram ganhar mais confiança na dança e autonomia para conseguir corrigir o movimento de acordo com o que aprendeu. Por meio da segunda atividade, observou-se que cada um realizava o mesmo movimento de maneira diferente, considerando a limitação motora de alguns, o entendimento do movimento de outros e também o esquecimento de como era realizado determinado passo.

Com isso, foi possível verificar que os estudantes já estavam mais desenvoltos e familiarizados com a dança, pois essa movimentação não foi considerada complicada para eles, sendo possível introduzir todas as movimentações planejadas para a próxima aula. Assim, ao fim da aula, constatou-se a coreografia com a música e a movimentação básica mais sincronizadas.

Aula 06: ensaio da coreografia e dinâmica de batalha de dança

A sexta aula teve como objetivo explorar a autonomia e organização dos estudantes quanto à realização dos passos e posições na dança dentro da coreografia proposta. Foram duas atividades, a primeira iniciou-se com a retomada da ordem dos passos sem a música e dando sequência à continuidade na movimentação durante a coreografia. E a segunda atividade consistiu em uma pequena e rápida brincadeira durante a coreografia, em que no refrão eles se “enfrentassem” como nas batalhas de dança. Nesta brincadeira, cada fileira se movimentaria em tempos diferentes, aguardando o outro dançar para responder com a própria dança. Para isso, o grupo foi organizado no espaço do pátio e divididos em dois grupos alocados em duas fileiras, uma de frente para outra, em que cada grupo teria um tempo para realizar uma coreografia enquanto o outro observava, dando sequência com a alternância dessas funções entre os grupos.

Por meio dos relatos do diário de campo, observou-se que com a compreensão deles sobre as mudanças e trocas entre as músicas, aumentou e aprimorou o desenvolvimento e entrosamento entre eles, pois conseguiram fazer a troca da maneira correta e ficaram perfeitamente alinhados quando precisavam parar no lugar determinado.

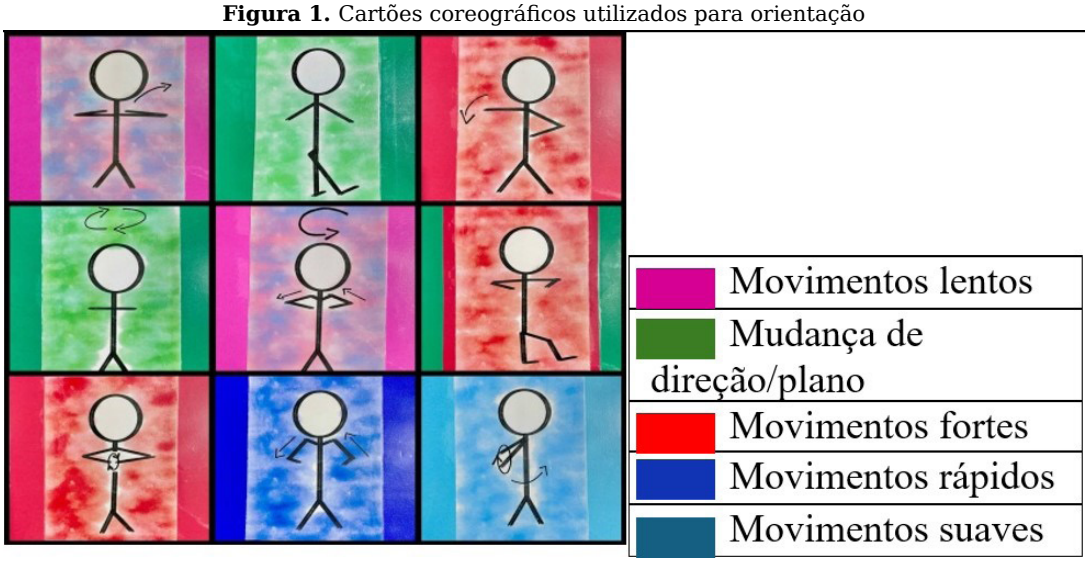
Aula 07: o registro final da intervenção (continuação da correção)

Com a sétima aula, o objetivo proposto pautou-se em apresentar uma coreografia resgatando todo processo realizado ao longo das aulas. Para tal, foi realizado duas atividades: na primeira, inicialmente, os estudantes deveriam realizar a coreografia seguindo o modelo espelhado, onde a professora pesquisadora estaria à frente, executando os passos e a sequência, e

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.94-107
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

os estudantes deveriam acompanhá-la. Em um segundo momento, os estudantes deveriam realizar a coreografia não mais utilizando o modelo espelhado, mas guiados por recursos visuais. Aqui esses recursos visuais foram aprimorados, anteriormente sendo apenas sulfites coloridos, agora sendo utilizados cartões coloridos (com as mesmas cores dos sulfites), mas que possuem o movimento/ação coreográfica ilustrado neles, sendo cada cor correspondente à intensidade e movimentação, conforme apresentado na aula n°3. Ao inserir nos cartões a combinação dos movimentos/ações, cada imagem passou a representar uma sequência específica, atribuindo sentido e significado à coreografia apresentada, conforme ilustrado a seguir (Figura 01).

Figura 1. Cartões coreográficos utilizados para orientação



A segunda atividade, consistiu na execução de toda a coreografia com utilização da música, utilizando somente os cartões. Em relação a organização dos estudantes, manteve-se a mesma em que eles estiveram dispostos no pátio virados de frente para a professora pesquisadora.

Sobre a segunda atividade, foi realizada a coreografia na música seguindo as imagens. Mas, antes disso, foi possível identificar que uma estudante estava ajudando outro estudante com mais dificuldade, passando por cada folha e mostrando o que cada imagem representava. Caso ele não entendesse, ela realizava junto e fazia o colega repetir sozinho após a explicação e realização dela.

Mesmo com dificuldades, se perdendo um pouco e realizando mais pausadamente os passos, os estudantes conseguiram realizar a sequência coreográfica seguindo somente as imagens. No entanto, precisariam de mais uma aula para fluir os movimentos através dos recursos visuais.

A combinação ilustrativa de cor e movimento auxiliou para que os estudantes lembrassem da dinâmica das cores de aulas passadas, em que cada cor representa um jeito/potência de se movimentar na dança. Tal ação favoreceu a rápida adaptação a esse novo material, colaborando para que os alunos surdos (severa e total) tivessem maior autonomia, sem a necessidade de cópia do movimento dos colegas.

Aula 08: avaliação e reflexão crítica

A oitava aula teve como objetivo avaliar o efeito do processo adotado nas aulas de intervenção, por meio da apresentação final dos estudantes. Para esta aula, foram planejadas duas atividades. Na primeira, os estudantes deveriam retirar de uma caixa um cartão utili-

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.94-107
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

zado na sequência coreográfica, contendo um dos passos da coreografia, onde teriam que realizar o movimento com sua intensidade para o restante da turma. Na segunda atividade, os estudantes deveriam apresentar toda a coreografia seguindo as instruções contidas nos cartões coreográficos que eram expostos em sequência pela professora pesquisadora. Esse momento, inicialmente, foi realizado sem a música e, na sequência, com música, auxiliando a avalição do processo e progresso dos estudantes nas duas situações de não uso ou uso dessa ferramenta.

Por meio das anotações do diário de campo, constatou-se que essa atividade pode facilmente ser realizada sem a música. Já com a música, também foi possível, mas requer um tempo maior de acompanhamento, atenção, ritmo e sincronia dos estudantes com os cartões coreográficos. Algo que com um planejamento de maior prazo e não limitado, como o caso do estágio, seja possível alcançar.

Discussão

Após a apresentação do programa de intervenção, a discussão dos resultados será feita por categorias, criadas a partir dos apontamentos feitos no diário de campo, bem como de algumas observações percebidas ao longo do programa de intervenção. A discussão dos resultados se pautará nas seguintes categorias: adaptação ao contexto da turma; criação de um ambiente seguro e sem julgamentos; incentivo à participação ativa e individualizada; adoção de referências culturais contemporâneas; reforço positivo como motivação.

Adaptação ao contexto da turma quanto aos ritmos conhecidos por eles

Com o início das observações, foi possível identificar que os estudantes se sentiram mais à vontade quando o ponto de partida foram os ritmos presentes em seu cotidiano, tornando de forma efetiva a participação do grupo.

O pressuposto inicial no processo de ensino e aprendizagem deve estar pautado na escuta e consideração daquilo que o estudante já tem de conhecimento de mundo (Farias, 2022). Para o autor, o principal princípio da psicologia educacional está na escuta, na valorização das experiências vivenciadas pelo estudante e no respeito aos seus desejos. Feito isso, estabelece-se um acordo e há sucesso no processo de ensino e aprendizagem.

A escolha das músicas para a coreografia teve impacto positivo no envolvimento dos estudantes. A inclusão de uma música popular, “Desenrola, bate e joga de ladinho”, muito presente nas redes sociais e nas coreografias de TikTok, aumentou a motivação e a participação ativa dos estudantes. Essa escolha está alinhada com a importância de conteúdos familiares e de interesse dos estudantes, facilitando a adesão e o engajamento nas atividades propostas.

Acreditamos que a conclusão do estudo se deu de forma satisfatória, uma vez que, desde o início da pesquisa, todo o programa de intervenção levou em conta os interesses e gostos dos estudantes participantes do estudo, no que diz respeito a preferência aos estilos de música/dança. A escolha pelo ponto inicial de toda intervenção ser o conhecimento de mundo dos estudantes favorece a criação de vínculos com os alunos, contribuindo para um ambiente de aprendizado mais dinâmico e inclusivo, onde eles se sentem motivados a experimentar e participar. Como evidenciado na Aula 3, essa adaptação é de suma importância, já que estudantes surdos frequentemente enfrentam dificuldades em realizar as atividades propostas nas aulas de dança na Educação Física devido à falta de preparação, de qualificação de muitos professores em adaptar atividades e de criar um ambiente de aprendizado efetivo.

A progressão das atividades de dança, inicialmente sem música, permitiu que os estudantes se concentrassem nos movimentos e nas sequências coreográficas antes de introduzi-

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.94-107
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

rem o ritmo musical. Isso revelou-se uma prática benéfica, pois o ensino de dança para pessoas surdas deve ser estruturado com base em etapas, respeitando o ritmo de aprendizado de cada estudante (Cunha e Mendes, 2023). Cabe destacar que o ensino se torna mais eficaz quando realizado de forma segmentada, com o tempo necessário para assimilação de cada parte da sequência (Oliveira, 2022).

Esta prática foi realizada nas aulas 3 e 4, quando se sucedeu comparando ambas as situações propostas, primeiro sem e depois com música, proporcionando um diferencial avaliativo em relação à compreensão do conteúdo e da dinâmica propostas nas aulas por parte dos estudantes. Como evidenciado na diferença de posicionamento daqueles com baixa audição e daqueles em situação severa ou total, potencializando a autonomia de cada estudante durante o progresso das dificuldades.

Com esse olhar, a adaptação do conteúdo ao perfil de cada estudante não se passa apenas em uma diferenciação pedagógica, mas em uma estratégia crucial para que haja educação que de fato interfira na realidade desses sujeitos.

Criação de um ambiente seguro e sem julgamentos

Outro ponto de destaque observado durante as aulas foi a importância do reforço positivo e da criação de um ambiente seguro para a expressão dos estudantes.

Estudantes surdos enfrentam dificuldades em se engajar em atividades físicas que demandam habilidades motoras complexas, especialmente se envolvem o domínio do ritmo e da sincronia (Cruz; Niquini; Soares, 2024). Um local confortável e seguro traz uma importante reflexão a respeito de um ambiente educativo que favoreça a livre expressão, em que a vergonha seja uma ausência e que os estudantes se sintam à vontade na realização da dança.

Neste estudo, o reforço positivo e a liberdade para os estudantes adaptarem os movimentos às suas capacidades contribuíram significativamente para aumentar a confiança e a motivação dos participantes. A aceitação das limitações individuais e o incentivo constante foram fundamentais para que os estudantes se sentissem valorizados e incluídos ao longo das atividades. Isso foi observado durante as aulas 3 e 4 quando a dinâmica consistiu na movimentação livre dos estudantes pelo pátio, desde que respeitassem os movimentos indicados pela cor indicada como norte para a atividade e depois como estratégia para romper com a timidez demonstrada pelos alunos.

Incentivo à participação ativa e individualizada

Durante o estudo, observamos que os estudantes surdos conseguiram desenvolver melhor seu senso de ritmo e coordenação ao longo das aulas, especialmente nas atividades que envolviam práticas de repetição e associação de cores. Aspectos esses que corroboram com importantes contribuições, ao evidenciar que essa prática permite o aprimoramento de habilidades motoras e cognitivas importantes, como memória e sincronização de movimentos (Brasileiro; Fragoso; Gehres, 2020).

A dinâmica em duplas, utilizada na Aula 5 para incentivar a colaboração entre os estudantes, também teve papel importante no processo de aprendizado. Vale destacar que práticas colaborativas ajudam a desenvolver o senso de comunidade e incentivam a troca de conhecimentos (Martinez, 2022).

Outra afirmação é que, quando o trabalho é colaborativo, o grupo apresenta maior potencial de criar um ambiente em que a aprendizagem seja mais dinâmica, porém, se mal elaborada, pode acarretar desigualdades de participação (Damiani, 2008). No presente estudo, os estudantes mostraram-se mais confortáveis para corrigir um ao outro e relembrar os pas-

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

sos em conjunto, fortalecendo os laços sociais dentro da sala de aula. Ainda com a prática em duplas e acompanhamento mais próximo por parte da professora pesquisadora, foi possível notar que os estudantes se sentiam mais confiantes para corrigir e lembrar uns aos outros dos passos, promovendo a autonomia e o desenvolvimento de uma relação mais independente com a coreografia. Esse método mostrou-se eficaz para estudantes que inicialmente demonstravam insegurança ou timidez ao realizar os movimentos individualmente.

A prática sem música permitiu aos estudantes se familiarizarem com a coreografia de modo gradual, facilitando o entendimento dos movimentos isolados antes da adição do ritmo, respeitando o tempo de cada um. Algo possível de destacar acontecendo na Aula 8, quando foi realizado um combinado com os estudantes, os quais um por vez teria que sortear na caixa surpresa um papel correspondente aos cartões coloridos com um movimento específico e deveria demonstrar esse passo para os demais colegas. A dinâmica não apenas reforçou o aprendizado dos movimentos e o significado de cada cor, mas também introduziu uma dose de ludicidade e desafio que motivou os estudantes a participarem ativamente. Esse método de sorteio visual, chamado "caixa surpresa", permitiu que os estudantes demonstrassem seu domínio da coreografia e sua familiaridade com os comandos visuais. Tal prática promoveu um aprendizado dinâmico e interativo, que se mostrou particularmente eficaz para os estudantes surdos.

Adoção de referências culturais contemporânea

Essa categoria se assemelha em muitos aspectos com a primeira apresentada, salvo maior destaque para o olhar crítico que o professor deve ter quanto à realidade e tempo presente em que está inserido, realizando o ensino da dança, independente se de forma adaptativa ou não.

Na primeira categoria o conhecimento de mundo dos estudantes deve ser valorizado. Nesse sentido, cabe ao professor responsável manter-se atualizado por meio de estudos e investigações. Ao longo do processo, isso se mostrou fundamental para aprimorar e adaptar as estratégias utilizadas, contribuindo para o alcance dos objetivos propostos para as aulas.

Para autores clássicos, a dança precisa ser compreendida como uma expressão cultural que contenha valores e ritmos da comunidade, sendo importante no elo entre os estudantes e os movimentos que os cercam em seu cotidiano (Laban, 1978).

Não somente a dança, como todos os conteúdos de ensino da Educação Física, precisa estar alinhado com a realidade dos estudantes. As expressões culturais carregam significados, símbolos e histórias, sendo a dança considerada um importante conteúdo que abrange esses componentes e possibilita ligação com o cotidiano. Sempre importante ao educador estar ciente de que mais que a dança como conteúdo, essa prática carrega expressões culturais com significados, signos, símbolos e movimento histórico (Alves *et al*., 2013).

A inclusão de uma música popular presente nas redes sociais reforçou essa aproximação entre conteúdo escolar e vivência dos estudantes. Tal questão torna-se de grande importância para o docente, pois remete a sua formação, sendo relevante manter-se atualizado sobre as mudanças de práticas e vivências dos estudantes, por meio de estudos e investigações recentes.

Uso de dicas/pistas na forma de cartões visuais

Na dança, a autonomia é construída em um processo em que os estudantes desenvolvam controle de suas capacidades e tenham conhecimento do espaço em que estão. Porém, esse caminho só é possível por meio do acompanhamento do professor, tanto individual como do

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.94-107
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

grupo, identificando potencialidades e as reforçando, assim como distribuindo responsabilidades como forma de potencializar aqueles mais distantes e desinteressados, na forma de trazê-los para a participação e contribuição.

A compreensão por parte do professor quanto aos avanços positivos e empecilhos negativos gerados pela metodologia proporciona uma avaliação capaz de estar sempre sendo reinventada (Hoffmann, 2001), tornando-se importante considerar o processo como elemento central da avaliação.

O uso de referências visuais, a divisão da aprendizagem em etapas e o reforço positivo mostraram-se fundamentais para que os estudantes surdos participassem da dança de forma integrada e autônoma.

A dança é frequentemente vista como uma prática de expressão corporal e cultural, cujo potencial inclusivo é especialmente relevante no contexto da educação de surdos. Na literatura, a dança surge como uma ferramenta que transcende a comunicação verbal, permitindo que estudantes surdos encontrem na expressão corporal um meio de se comunicar e de desenvolver a percepção de ritmo e movimento por meio de estímulos visuais e táteis (Oliveira, 2017). Durante o presente estudo, o uso de recursos visuais, como as cores e as imagens dos movimentos coreográficos, demonstrou ser uma estratégia eficaz para envolver os alunos e facilitar o aprendizado da dança. Essa abordagem visual é fortemente recomendada por pesquisadores que identificam que estímulos visuais e representações gráficas proporcionam uma compreensão mais clara dos conteúdos para estudantes surdos (Sá et al., 2021).

No decorrer das aulas, observamos que, ao associar cores a intensidades de movimento — azul escuro, rosa claro, vermelho, azul claro e verde —, os estudantes conseguiam acompanhar as mudanças rítmicas da dança sem precisar de instruções verbais e nem de demonstrações. Esse método visual foi inspirado na proposta que defende o uso de elementos visuais como substitutos da instrução oral para favorecer o entendimento e a participação ativa de estudantes surdos (Duarte; Gomes, 2022; Sousa, 2018). Vale salientar que o professor deve estar atento a casos, mesmo que raros, de estudantes possuírem deficiência auditiva e daltonismo, sendo necessário adaptações necessárias à situação. Os estudantes, ao se guiarem pelas cores, conseguiram desenvolver a percepção do ritmo de forma visual, o que reflete a capacidade adaptativa da dança. As cores são importantes não apenas como recurso didático, mas também como suporte para que o estudante entenda a variação dos movimentos e suas dinâmicas (Neta, 2024). Algo que foi confirmado no presente estudo ao observar que os estudantes demonstraram uma compreensão clara das intensidades de movimento associadas às cores.

A literatura destaca que o uso de música e dança permite que estudantes surdos desenvolvam a expressão corporal, aprimorem suas habilidades motoras e tenham uma oportunidade de interação social significativa (Sousa, 2018). Durante o estudo, foi possível observar que os estudantes surdos conseguiram desenvolver melhor seu senso de ritmo e coordenação ao longo das aulas, especialmente nas atividades que envolviam práticas de repetição e associação de cores.

Pessoas surdas podem ter estímulos limitados, principalmente quando sofrem privação linguística, sendo o ambiente escolar um espaço que deve promover a esses estudantes possibilidades para que eles se desenvolvam com mais dinamismo, tenha maior leitura do ambiente e autonomia. Na dança, a autonomia é construída ao passo em que os estudantes se apropriam de suas capacidades e do espaço, combinando organização corporal e execução dos movimentos (Souza, 2004).

O enunciado acima deve estar de acordo com o entendimento do professor em buscar sempre avaliar sua metodologia. Esse resgate demarca como sendo elemento central da avaliação do processo de ensino, considerando todo o processo e não apenas resumido em resul-

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

tados imediatos (Hoffmann, 2001).

Para este estudo, o ensino da dança para estudantes surdos deve ter amparos em ferramentas eficazes e o respeito e incorporação, em primeira mão, de sua língua dominante. Isso é atestado ao revelar ser de grande valor para o desenvolvimento do estudante, o letramento visual incorporado com a língua de sinais como primeira língua (Cruz; Prado, 2019).

Conclusão

O presente estudo teve como objetivo testar a aplicabilidade de uma proposta de intervenção sobre o conteúdo da dança nas aulas de Educação Física em uma escola especializada para estudantes surdos. Para tanto, buscou-se uma abordagem metodológica capaz de atender às necessidades específicas dessa população, utilizando recursos visuais e estratégias inclusivas para superar as barreiras impostas pela ausência de percepção auditiva.

Ao final da pesquisa, foi evidente que o uso de referências visuais, a divisão da aprendizagem em etapas e o reforço positivo foram fundamentais para que os estudantes surdos participassem da dança de forma integrada e autônoma. Esses métodos atenderam às necessidades específicas desses estudantes, promovendo uma prática que se mostrou inclusiva e eficaz. O estudo enfatiza a importância de uma abordagem visual e adaptada para o ensino de dança, destacando que esses recursos garantem a compreensão e a participação ativa de estudantes surdos.

Os resultados sugerem que o ensino de dança para estudantes surdos é possível e pode ser altamente benéfico quando adaptado às suas necessidades sensoriais e de aprendizado. A implementação de estratégias visuais e colaborativas, bem como a valorização dos ritmos individuais, mostram-se essenciais para garantir a vivência desses estudantes na prática de Educação Física e dança. Esses achados ampliam a compreensão sobre o potencial da dança e reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e promovam a igualdade de acesso às atividades físicas e expressivas na escola.

O estudo reforça a importância de práticas inclusivas na Educação Física escolar, destacando a dança como um conteúdo obrigatório e uma ferramenta importante para a expressão corporal, o desenvolvimento de habilidades motoras e a promoção da inclusão social no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. P.; SALES, Z. N.; MOREIRA, R. M.; DUARTE, L. C.; COUTO, E. S. Inclusão de alunos com surdez na educação física escolar. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 3, p. 192-204, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular. Conselho Nacional de Educação** (2017). Resolução CNE/CP n°2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implementação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASILEIRO, L. T; FRAGOSO, A. R. F.; GEHRES, A. F. Produção de conhecimento sobre dança e Educação Física no Brasil: analisando artigos científicos. **Pro-posições**, Campinas, v. 31, p. 1-18, 2020.

CARVALHO, S. M. S.; MIGUEL, M. C.; SILVEIRA, R. Z. Inclusão dos Estudantes Portadores de Necessidades Especiais nas Atividades da Área de Educação Física. **Revista FSA**, v. 20, n. 1, p. 206-227, jan. 2023.

CRUZ, O. M. S.; PRADO, R. Educação bilíngue e letramento visual: reflexões sobre o ensino para surdos. **Revista Espaço**, n. 52, p. 189-201, jul./dez. 2019.

CRUZ, T. X.; NIQUINI, C. M.; SOARES, R. S. M. V. Uma revisão integrativa sobre estratégias pedagógicas para alunos surdos em aulas de Educação Física. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 33, n. 1, 2024.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.94-107
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

CUNHA, A. F.; MENDES, W. V. **Os estudos sobre educação de surdos e a perspectiva teórica da linguística sistêmico-funcional: uma revisão de literatura no período de 2012 a 2022**. Disponível em: [https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/9355/4560]. Acesso em: 27 jan. 2025.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 31, p. 213–230, 2008.

DUARTE, W. C; GOMES, N. M. Estratégias comunicativas utilizadas pelos professores de Educação Física na inclusão de alunos surdos. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 27, n. 292, p 2-18.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, set 1995.

HOFFMANN, J. M. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_22_p051-059_c.pdf]. Acesso em: 27 jan. 2025.

LABAN, R. **O domínio do movimento.** São Paulo: Summus, 1978.

MARTINEZ, T. G. C. A inclusão de alunos com deficiência auditiva ou surdez na escola comum. **Revista de Educação Inclusiva da Paraíba**, Campina Grande, v. 6, n. 1, 2022.

NETA, C. D. C. Dificuldades na comunicação entre o professor de Educação Física e o estudante surdo: uma proposta de intervenção com o componente curricular dança. **Cadernos Acadêmicos Unina**, v. 4, n. 1, p.26-37, abr. 2024.

OLIVEIRA, F. S. **Estudo sobre a dança com surdos**. 2017. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Dança) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: [https://lume.ufrgs.br/handle/10183/178649] Acesso em: 01 nov 2024.

OLIVEIRA, L. F. **Surdo dança?** uma revisão integrativa sobre metodologias aplicadas ao ensino de dança para surdos no período de 2017 - 2021. 2022. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Dança). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022. Disponível em: [https://ri.uea.edu.br/server/api/core/bitstreams/698ec2b1-3b5d-48fa-93d5-86179784f36f/contente] Acesso em: 01 nov 2024.

SÁ, A. K. L. *et al*. Tecnologias educativas empregadas na educação em saúde para pessoas com surdez: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, p.1-11, abr. 2021.

SOUSA, H. P. S. **Dança e surdez:** uma análise da produção de conhecimento acerca da pessoa surda a partir do sapateado. 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: [https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/3946] Acesso em: 01 nov. 2024.

SOUZA, T. R. N. A dança na educação de surdos: um caminho para a inclusão. **Informativo Técnico-Científico Espaço**, n.22, p. 73-84, dez. 2004.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.94-107
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons